

EDIÇÃO *STANDARD* BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE
SIGMUND FREUD

VOLUME XVIII

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

*Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em colaboração com
ANNA FREUD*

*Assistido por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON*

*VOLUME XVIII
(1920-1922)*

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER
PSICOLOGIA DE GRUPO
e
OUTROS TRABALHOS

*Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral
e Revisão Técnica de
JAYME SALOMÃO*

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro.

*Tradução de
CHRISTIANO MONTEIRO OITICICA*

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

BIBLIOTECA
DO IEPP

Os títulos originais dos diversos trabalhos do presente volume estão referidos nas Notas do Editor Inglês (James Strachey), que precedem os mesmos.

*Copyright under the International
and Pan American Conventions*

Copyright © Portuguese Translation by IMAGO EDITORA
1969 — All rights reserved.

Copyright © James Strachey — Annotations, editorial matter
and arrangements 1969

Coordenação de Editoração:
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

Revisão:
CARLOS ALBERTO PAVANELLI

PRIMEIRA EDIÇÃO EM FEVEREIRO DE 1976

Direitos mundiais para a língua portuguesa adquiridos por
IMAGO EDITORA LTDA., Av. N. Sra. de Copacabana, 330,
10º andar, tel.: 255-2715, Rio de Janeiro, que se reserva a
propriedade desta tradução.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

A IMAGO EDITORA agradece ao BNDE que, através
do PROLIVRO, tornou possível a realização desta obra.

CONSELHO PERMANENTE DE CONSULTA

O Conselho Permanente de Consulta (C.P.C.) foi constituído com a finalidade de auxiliar, sob a forma de consultas, os diversos tradutores da obra. Compõe-se dos seguintes psicanalistas:

BRASIL

- ADELHEID KOCH
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- CYRO MARTINS
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- DARCY DE MENDONÇA UCHOA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- DAVID ZIMMERMANN
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- DÉCIO SOARES DE SOUZA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- DURVAL MARCONDES
Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise.
- EDGARD DE ALMEIDA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- FABIO LEITE LOBO
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- HENRIQUE MENDES
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- LEAO CABERNITE
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- LUIZ GUIMARAES DAHLHEIM
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- MARIA PEREIRA MANHAES
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- MARIO MARTINS
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- PAULO GUEDES
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- VIRGINIA LEONE BICUDO
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

PORTUGAL

- FRANCISCO ALVIM
Membro da Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise.
- PEDRO LUZES
Membro da Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise.

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ÜBER DIE PSYCHOGENESE EINES FALLES VON
WEIBLICHER HOMOSEXUALITÄT

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1920 *Int. Z. Psychoanal.*, 6 (1), 1-24.
1922 *S.K.S.N.*, 5, 159-94.
1924 *G.S.*, 5, 312-43.
1926 *Psychoanalyse der Neurosen*, 87-124.
1931 *Sexualtheorie und Traumlehre*, 155-88.
1947 *G.W.*, 12, 271-302.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'The Psychogenesis of a Case of Homosexuality
in a Woman'

- 1920 *Int. J. Psycho-Anal.*, 1, 125-49. (Trad. de Barbara Low
e R. Gabler.)
1924 *C.P.*, 2, 202-31. (Mesmos tradutores.)

A presente tradução inglesa é uma versão consideravelmente modificada da publicada em 1924.

Após um intervalo de quase vinte anos, Freud publicou no presente artigo uma história clínica bastante pormenorizada, embora incompleta, de uma paciente. Mas, ao passo que o caso de 'Dora' (1905e [1901]), bem como suas contribuições aos *Estudos sobre a Histeria* (1905d), tratavam exclusivamente da histeria, começou agora a considerar mais profundamente toda a questão da sexualidade nas mulheres. Suas investigações deveriam posteriormente conduzir aos artigos sobre os efeitos da distinção anatômica entre os sexos (1925j) e sobre

a sexualidade feminina (1931b), também à Conferência XXIII de suas *New Introductory Lectures* (1933a). Afora isso, o artigo contém uma exposição de algumas opiniões posteriores de Freud sobre o homossexualismo em geral, bem como certas observações interessantes sobre pontos técnicos.

A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALISMO NUMA MULHER

I

O homossexualismo nas mulheres, que certamente não é menos comum que nos homens, embora muito menos manifesto, não só tem sido ignorado pela lei, mas também negligenciado pela pesquisa psicanalítica. A narração de um caso isolado, não muito marcante em categoria, no qual foi possível determinar sua origem e desenvolvimento na mente com uma segurança completa e quase sem lacunas, pode assim reivindicar certa atenção. Se essa apresentação do caso fornece apenas os contornos mais gerais dos diversos fatos correlacionados e das conclusões obtidas de um estudo do caso, suprimindo ao mesmo tempo todos os pormenores característicos sobre os quais se funda a interpretação, essa limitação pode ser facilmente explicada pela discrição médica necessária à discussão de um caso recente.

Uma bela e inteligente jovem de dezoito anos, pertencente a uma família de boa posição, despertara desprazer e preocupação em seus pais pela devotada adoração com que perseguia certa 'dama da sociedade' cerca de dez anos mais velha que ela própria. Os pais asseguravam que, a despeito de seu nome eminente, essa senhora não era mais que uma *cocotte*. Era bem conhecido, diziam, que vivia com uma amiga, uma mulher casada, com quem tinha relações íntimas ao mesmo tempo que mantinha casos promiscuos com certo número de homens. A moça não desmentia esses relatos maldosos, mas sequer permitia-lhes interferir em sua adoração da dama, embora de modo algum lhe faltasse certo senso de decência e propriedade. Nem as proibições nem a vigilância impediam a jovem de aproveitar todas as suas raras oportunidades de encontrar-se com a bem-amada, de verificar todos os seus hábitos, de esperar por ela durante horas diante de sua porta ou numa parada de bonde, de mandar-lhe presentes ou flores, e assim por diante. Era evidente que esse interesse único havia engolfado todos os outros na mente da jovem. Não se preocupava mais com os

estudos, não se interessava por funções sociais ou prazeres de moça e mantinha relações apenas com algumas amigas que podiam auxiliá-la na questão ou servir-lhe de confidentes. Os pais não podiam dizer a que ponto a filha havia chegado em suas relações com a discutível senhora, se os limites da admiração devotada já haviam ou não sido ultrapassados. Jamais tinham observado na filha qualquer interesse em moços, nem prazer em seus galanteios, ao passo que, por outro lado, se achavam seguros de sua presente ligação a uma mulher constituir apenas a seqüência, em grau mais acentuado, de um sentimento que em anos recentes demonstrara por outros membros de seu próprio sexo, sentimento que já despertara a suspeita e a ira do pai.

Dois pormenores em seu comportamento, estando um em aparente contraste com o outro, mais especialmente agastavam os pais. De um lado, não tinha escrúpulos quanto a aparecer nas ruas mais freqüentadas em companhia de sua indesejável amiga, então sendo bastante negligente quanto à própria reputação; de resto, não desprezava nenhum meio de embuste, desculpas e mentiras que possibilitassem seus encontros com a amiga e os acobertassem. Assim, mostrava-se demasiado franca sob um dos aspectos e noutros, cheia de embustes. Um dia ocorreu de fato, como mais cedo ou mais tarde seria inevitável nas circunstâncias, o pai encontrar a filha em companhia da senhora, acerca de quem chegara a conhecer. Passou por elas de olhar irado, prenunciando nada de bom. Subitamente, a jovem saiu correndo e arremeteu-se em direção a um muro, saltando-o para o lado de um corte que dava para a linha ferroviária suburbana ali perto. Pagou essa tentativa indiscutivelmente séria de suicídio com um tempo considerável deitada de costas na cama, embora, afortunadamente, fossem poucos os danos permanentes causados. Após a recuperação, descobriu ser mais fácil que antes conseguir o que queria. Os pais não ousaram opor-se-lhe com tanta determinação e a senhora, que até então recebera friamente seus avanços, comoveu-se com prova tão inequívoca de séria paixão e começou a tratá-la de maneira mais amistosa.

Aproximadamente seis meses após o episódio, os pais buscaram orientação médica e confiaram ao médico a tarefa de reconduzir sua filha a um estado normal de espírito. A tentativa

de suicídio da jovem evidentemente lhes tinha mostrado que fortes medidas disciplinares em casa eram impotentes para vencer esse seu distúrbio. Antes de prosseguir será, porém, desejável considerar separadamente as atitudes do pai e da mãe perante o assunto. O pai, um homem sério e conceituado, no fundo de coração muito terno; porém, até certo ponto tinha alheado de si os filhos com a rigidez que adotara para com eles. Seu tratamento com a filha única era demasiadamente influenciado pela consideração que tinha pela mulher. Quando soubera, pela primeira vez, das tendências homossexuais da filha, ficara enfurecido e tentara suprimi-las com ameaças. Naquela ocasião, talvez, hesitava entre opiniões diferentes, embora do mesmo modo aflitivas: encarando a filha como viciosa, ou degenerada ou mentalmente perturbada. Sequer após a tentativa de suicídio não lograra a eloqüente resignação demonstrada por um de nossos colegas médicos que observou de uma irregularidade semelhante em sua própria família: 'Bem, é apenas uma infelicidade como qualquer outra.' Havia algo no homossexualismo da filha que lhe despertava a mais profunda amargura, e estava determinado a combatê-lo por todos os meios em seu poder. A pouca estima em que a psicanálise geralmente é tida em Viena não impediu que se voltasse a ela em busca de auxílio. Falhasse essa solução, ele ainda tinha de reserva sua mais forte medida defensiva: um casamento rápido deveria despertar os instintos naturais da moça e abafar suas tendências inaturais.

A atitude da mãe para com a jovem não era tão fácil de compreender. Ela era uma mulher jovem, evidentemente pouco disposta a abandonar seus próprios direitos à atração. Claro era o fato global de ela não tomar o enamoramento da filha tão tragicamente como o pai, e tampouco se enfurecia com ele. Havia mesmo, por certo tempo, desfrutado da confiança da filha relativamente à paixão dela. Sua oposição a ela parecia ter sido sobretudo despertada pela danosa publicidade com que a moça demonstrava seus sentimentos. Ela própria sofrera, durante alguns anos, de problemas neuróticos e gozava de grande consideração por parte do marido. Tratava os filhos de modos inteiramente diferentes, sendo decididamente áspera com a filha e de excessiva indulgência com os três filhos, dos quais o mais novo nascera após longo intervalo e não contava, então,

ainda três anos de idade. Não era fácil apurar algo de mais definido a respeito do seu caráter, porque, por motivos que posteriormente se tornarão inteligíveis, a paciente era sempre reservada no que dizia sobre a mãe, ao passo que, em relação ao pai, nada disso acontecia.

Para um médico que fosse empreender o tratamento psicanalítico da jovem, havia muitos fundamentos para desconfiança. A situação que devia tratar não era a que análise exige, na qual somente ela pode demonstrar sua eficácia. Sabe-se bem que a situação ideal para a análise é a circunstância de alguém que, sob outros aspectos, é seu próprio senhor, estar no momento sofrendo de um conflito interno, que é incapaz de resolver sozinho: assim leva seu problema ao

por sua própria vontade ou seja levado a ela, quando é ele próprio que deseja mudar, ou apenas os seus parentes, que o amam (ou se supõe que o amem).

Outros aspectos desfavoráveis no presente caso eram os fatos de a jovem não estar de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição) e de a tarefa a cumprir não consistir em solucionar um conflito neurótico, mas em transformar determinada variedade da organização genital da sexualidade em outra. Tal realização — a remoção da inversão genital ou homossexualismo — nunca, pela minha experiência, é matéria fácil. Pelo contrário, só achei possível o êxito em circunstâncias especialmente favoráveis e, assim mesmo, o sucesso consistia essencialmente em facilitar

foi o motivo da sua tentativa de curar-se. Aqui estão realmente

diret

urgente de libertar-se de seu homossexualismo. Pelo contrário, disse ser incapaz de imaginar outra maneira de enamorar-se, mas acrescentou que, por amor aos pais, auxiliaria honestamente no esforço terapêutico, de vez que lhe doía muito ser-lhes a causa de tanto pesar. Inicialmente, não pude deixar de considerar essa intenção também como um signo propício, pois não podia imaginar a atitude emocional inconsciente que jazia oculta por trás dela. O que nessa correlação posteriormente veio à luz influenciou decisivamente o curso tomado pela análise e determinou a sua conclusão prematura.

Os leitores não versados em psicanálise há muito estarão aguardando uma resposta a duas outras perguntas. Apresentava essa jovem homossexual características físicas claramente pertinentes ao sexo oposto, e o caso provou ser homossexualismo congênito ou adquirido (desenvolvido posteriormente)?

Estou ciente da importância que se prende à primeira das perguntas, contudo não se deve exagerá-la e permitir-lhe que obscureça o fato de características secundárias esporádicas do sexo oposto amiúde estarem presentes em indivíduos normais, e de características físicas bem acentuadas do sexo oposto poderem existir em pessoas cuja escolha de objeto não experimentou mudança no sentido da inversão. Noutras palavras, em ambos os sexos *o grau de hermafroditismo físico é, em grande parte, independente do hermafroditismo psíquico*. Alterando essas afirmativas, deve-se acrescentar que tal independência é mais evidente nos homens que nas mulheres, onde traços corporais e mentais pertencentes ao sexo oposto tendem a coincidir.¹ Entretanto, não me encontro em posição de fornecer uma resposta satisfatória à primeira de nossas questões sobre minha paciente. O psicanalista de hábito se abstém de um exame físico detalhado de seus pacientes, em certos casos. Certamente não havia desvio óbvio do tipo físico feminino, sequer qualquer distúrbio menstrual. A jovem bela e bem feita tinha, de fato, a figura alta do pai e suas feições eram mais agudas do que suaves e feminis, traços que podiam ser vistos como indicadores de masculinidade física. Alguns de seus atri-

¹ [Cf. o exame desse aspecto em *Três Ensaios* (1905d) [Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 141 e segs., IMAGO Editora, 1972.]

butos intelectuais também podiam estar vinculados à masculinidade, como, por exemplo, sua acuidade de compreensão e sua lúcida objetividade, na medida em que não se achava dominada por sua paixão. Mas essas distinções são antes convencionais que científicas. O que certamente tem importância maior é a jovem, em seu comportamento para com seu objeto amoroso, haver assumido inteiramente o papel masculino, isto é, apresentava a humildade e a sublime supervalorização do objeto sexual tão características do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado. Havia, assim, não apenas escolhido um objeto amoroso feminino, mas desenvolvera também uma atitude masculina para com esse objeto.

A segunda questão, — se se tratava de um caso de homossexualismo congênito ou adquirido — será respondida pela história completa da anormalidade da paciente e de sua evolução. O estudo desse aspecto nos mostrará até onde essa questão é estéril e despropositada.

II

Após essa introdução altamente discursiva, apenas posso apresentar um resumo muito conciso da história sexual do caso em consideração. Na infância, a jovem passou pela atitude normal característica do complexo de Édipo feminino¹ de maneira não tanto notável e posteriormente começara a substituir o pai por um irmão ligeiramente mais velho que ela. Não se lembrava de quaisquer traumas sexuais no começo da vida, nem tampouco algum foi descoberto pela análise. A comparação entre os órgãos genitais do irmão e os seus, que fez pelo início do período de latência (aos cinco anos de idade ou, talvez, um pouco antes), deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes conseqüências. Havia poucos sinais a apontar para a masturbação infantil ou, então, a análise não foi suficientemente longe para lançar luz sobre este ponto. O nascimento de um segundo irmão quando contava entre cinco e seis

¹ Não vejo qualquer progresso ou lucro na introdução da expressão, 'complexo de Electra' e não advogo a sua utilização.

anos de idade, não exerceu influência especial sobre seu desenvolvimento. Durante os anos de pré-puberdade, na escola, gradualmente familiarizou-se com os fatos do sexo e recebeu este conhecimento com sentimentos mistos de lascívia e assustada aversão, de uma maneira que se pode chamar de anormal e sem exagero em grau. Este número de informações sobre ela parece bastante escasso e tampouco posso garantir que seja completo. Pode ser que a história de sua juventude fosse muito mais rica em experiências; não sei. Como já disse, a análise foi interrompida após curto tempo e, portanto, produziu uma anamnese não muito mais digna de fé que as outras anamneses de homossexuais, de que há bons motivos para duvidar. Além disso, a jovem nunca fora neurótica e chegara à análise sem um único sintoma histórico, de modo que as oportunidades para investigar a história de sua infância não se apresentaram tão prontamente quanto de hábito.

Na idade dos treze aos quatorze anos apresentara uma afeição terna e, segundo a opinião geral, exageradamente forte por um menino de menos de três anos de idade, a quem costumava ver regularmente num *playground* infantil. Apegou-se à criança tão calorosamente que, em consequência, uma amizade duradoura surgiu entre ela e os pais dele. Pode-se inferir desse episódio que, naquela época, achava-se possuída de forte desejo de ser mãe e ter um filho. Contudo, após curto tempo, tornou-se indiferente ao menino e começou a interessar-se por mulheres maduras porém de aparência ainda jovem. As manifestações desse interesse logo lhe valeram um severo castigo das mãos de seu pai.

Ficou estabelecido, além de qualquer dúvida, que essa mudança ocorreu simultaneamente com certo acontecimento na família e, assim, pode-se examiná-lo em busca de alguma explicação para a mudança. Antes que acontecesse, sua libido se concentrava em uma atitude maternal, a seguir tornando-se uma homossexual atraída por mulheres maduras, assim permanecendo desde então. O acontecimento, tão significativo para a nossa compreensão do caso, foi uma nova gravidez de sua mãe, e o nascimento de um terceiro irmão quando a paciente contava cerca de dezesseis anos de idade.

A situação de ocorrências que agora passarei a revelar não é produto de minhas forças inventivas; baseia-se em pro-

vas analíticas tão dignas de fé, que para ela posso reivindicar uma validade objetiva. Foi, em particular, uma série de sonhos, interrelacionados e fáceis de interpretar, que me fizeram decidir em favor de sua realidade.

A análise da jovem revelou, sem sombra de dúvida, que a amada era uma substituta de sua mãe. É verdade que a própria dama não era mãe; contudo, também não era o primeiro amor da moça. Os primeiros objetos de sua afeição após o nascimento do irmão mais novo haviam sido realmente mães, mulheres entre trinta e cinco anos de idade, a quem havia encontrado com os filhos durante férias de verão ou no círculo familiar de conhecidos na cidade. A maternidade como *condição sine qua non* em seu objeto amoroso foi posteriormente abandonada, de vez que na vida real essa precondição era difícil de combinar com outra, que foi tornando-se cada vez mais importante. A ligação sobremodo intensa com seu último amor tinha, ainda, outro fundamento que a jovem com facilidade descobriu certo dia. A figura esbelta, a beleza severa e a postura ereta de sua dama faziam-na lembrar-se do irmão que era um pouco mais velho que ela. Assim, sua última escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao masculino; combinava a satisfação da tendência homossexual com a da tendência heterossexual. É bem sabido que a análise de homossexuais masculinos em numerosos casos revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples de natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a bissexualidade universal dos seres humanos.¹

Como, porém, devemos compreender o fato de ter sido precisamente o nascimento de uma criança, chegada à família extemporaneamente (numa ocasião em que a própria jovem já estava madura e com intensos desejos próprios), que a levou a aplicar sua ternura apaixonada à mulher que dera à luz essa criança, isto é, à sua própria mãe, e expressar esse sentimento para com um substituto materno? De tudo quanto sabemos seria de esperarmos exatamente o oposto. Em tais circunstâncias, as mães com filhas em idade próxima de casar geralmente se

¹ Cf. Sadger (1914).

sentem embaraçadas em relação a elas, e as filhas capazes de sentir pelas mães uma mescla de compaixão, desprezo e inveja, que em nada contribui para aumentar sua ternura com elas. A jovem que estamos considerando tinha, de modo geral, poucos motivos para sentir afeição pela mãe. A mãe, moça ainda, via na filha, que se desenvolvia rapidamente, uma competidora inconveniente; favorecia os filhos em detrimento dela, limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e o pai. Assim, ansiar, desde o começo, por uma mãe mais bondosa fora inteiramente compreensível, contudo difícil de entender é a razão por que deveria ter-se inflamado exatamente naquela ocasião e sob a forma de uma paixão consumidora.

A explicação é a seguinte: no exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem; seu desejo de ter o filho de seu pai e uma imagem *dele*, na consciência ela não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi *ela* quem teve o filho, mas sua rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens. Passado esse primeiro grande revés, abjurou de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido.

Assim procedendo, comportou-se exatamente como muitos homens que, após uma primeira experiência penosa, dão as costas, para sempre, ao infiel sexo feminino e se tornam odiadores de mulheres. Relata-se de uma das mais atraentes e infelizes figuras principescas de nossa época que ele se tornou homossexual porque a dama com quem estava comprometido em matrimônio traiu-o com outro homem. Ignoro se isso é historicamente verdadeiro, mas por trás do boato há um elemento de verdade psicológica. Em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos; o solteiro abandona seus amigos homens, ao casar-se, e retorna à vida de clube quando a vida conjugal perdeu o sabor. Naturalmente, quando a amplitude da oscilação é fundamental e final, suspeitamos da presença de algum fator especial que favorece definitivamente um lado ou outro e que talvez

só tenha esperado pelo momento apropriado para voltar a escolha de objeto em sua direção.

Assim, após seu desapontamento a jovem repudiara inteiramente seu desejo de um filho, o amor dos homens e o papel feminino em geral. É evidente que, nesse ponto, algumas coisas bem diferentes poderiam ter acontecido. O que realmente ocorreu foi o caso mais extremo. Ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor.¹ Sua relação com a mãe certamente fora ambivalente desde o início, foi fácil reviver o primitivo amor por ela e, com o seu auxílio, provocar uma supercompensação de sua hostilidade atual para com a mesma. De vez que pouco havia a fazer com a mãe real, dessa transformação de sentimentos nasceu a busca de uma mãe substituta, a quem poderia ligar-se apaixonadamente.²

Ademais, havia um motivo prático para essa mudança, derivado de suas relações reais com a mãe, que serviu como novo ganho [secundário] à sua doença. A própria mãe ainda ligava grande valor às atenções e à admiração dos homens. A jovem, tornando-se homossexual e deixando os homens para a mãe (noutras palavras, 'se se retirasse em benefício' dela), poderia afastar algo que até então fora parcialmente responsável pela antipatia da mãe.³

¹ Absolutamente não é raro uma relação amorosa interromper-se através de um processo de identificação por parte do amante com o objeto amado, processo equivalente a um tipo de regressão ao narcisismo. Isso realizado, ao fazer nova escolha de objeto, é fácil dirigir a libido para um membro do sexo oposto ao da primeira escolha.

² Os deslocamentos da libido aqui descritos são, nitidamente, familiares a todo analista, de sua investigação das anamneses dos neuróticos. Com os últimos, contudo, ocorrem na primeira infância, na época do primeiro desabrochar da vida erótica; com nossa paciente, que de veras não era neurótica, realizaram-se nos primeiros anos seguintes à puberdade, embora, por casualidade, fossem tão completamente inconscientes quanto aqueles. Algum dia, talvez, este fator temporal se revele de grande importância.

³ Como 'retirar-se em benefício de alguém' não foi anteriormente mencionado entre as causas do homossexualismo ou do mecanismo da fixação libidinal em geral, acrescentarei aqui outra observação analítica do mesmo tipo, que apresenta um aspecto especial de interesse. Certa

Essa posição libidinal da jovem, a que se chegou, foi grandemente reforçada tão logo percebeu o quanto ela desagradava a seu pai. Após ter sido punida por sua atitude tão afetuosa para com uma mulher, compreendeu como poderia ferir o pai e vingar-se dele. Desde então permaneceu homossexual em desafio ao pai, sequer também tinha escrúpulos em mentir-lhe e enganá-lo de todas as formas. Para com a mãe, na verdade, só era falsa na medida do necessário, para impedir o pai de saber de coisas. Tive a impressão de que seu comportamento seguia o princípio de Talião: 'De vez que você me traiu, tem de se conformar com que eu o traia.' Não cheguei a nenhuma outra conclusão sobre a notável falta de precauções apresentada pela jovem, sob outros aspectos de uma excessiva sagacidade. Ela *queria* que o pai soubesse ocasionalmente de

vez conheci dois irmãos gêmeos, ambos dotados de intensos impulsos libidinais. Um deles era muito bem sucedido com as mulheres e tinha casos sem conta com mulheres e moças. O outro, a princípio, seguiu o mesmo caminho, mas lhe desagradou estar violando os terrenos do irmão e, devido à semelhança entre ambos, o possível equívoco de ser tomado por ele em ocasiões íntimas; assim, saiu-se da dificuldade tornando-se homossexual. Deixou as mulheres ao irmão, retirando-se em benefício dele. Outra vez tratei de um homem ainda jovem, um artista, inequivocamente bissexual na disposição, cuja inclinação homossexual chegara ao primeiro plano simultaneamente com um distúrbio em seu trabalho. Ele fugia tanto das mulheres como do trabalho. A análise, que pode fazê-lo retornar a ambos, demonstrou que o medo ao pai constituía o motivo psíquico mais poderoso para ambos os distúrbios, que, na realidade, eram renúncias. Em sua imaginação todas as mulheres pertenciam ao pai, e procurou refúgio nos homens por submissão, como para se afastar do conflito com o pai. Tal motivação da escolha homossexual de objeto não deve ser em absoluto incomum; nas épocas primitivas da raça humana, presumivelmente todas as mulheres pertenciam ao pai e chefe da horda primeva.

Entre irmãos e irmãs não gêmeos, essa 'retirada' desempenha um grande papel noutras esferas, tanto como na da escolha erótica. Por exemplo, um irmão mais velho estuda música, sendo admirado por isso; o mais jovem, musicalmente mais bem dotado, logo abandona os seus próprios estudos musicais, a despeito de gostar deles, e não pode ser persuadido a tocar novamente em um instrumento. Isso é apenas um exemplo de uma concorrência muito freqüente e a investigação dos motivos que levam a essa 'retirada', de preferência à rivalidade aberta, revela condições muito complicadas na mente.

suas relações com a dama, do contrário ficaria privada da satisfação de seu desejo mais penetrante, ou seja, a vingança. Assim, tomou essa providência mostrando-se abertamente em companhia de sua adorada, passeando com ela pelas ruas próximas de onde o pai tinha seus negócios, e coisas semelhantes. Ademais, essa inabilidade absolutamente não era intencional. Era notável, também, que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da filha. A mãe era tolerante, como se apreciasse a 'retirada' da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele.

A inversão da jovem, entretanto, recebeu o reforço final quando descobriu em sua 'dama' um objeto que prometia satisfazer não apenas as suas inclinações homossexuais, como também aquela parte de sua libido que ainda se achava ligada ao irmão.

III

A apresentação linear não constitui um meio muito adequado de descrever complicados processos mentais que se desenrolam em camadas diferentes da mente. Dessa forma, sou obrigado a fazer uma pausa no exame do caso e tratar mais ampla e profundamente alguns dos pontos acima apresentados.

Mencionei que, em seu comportamento para com a dama adorada, a jovem adotara o característico tipo masculino de amor. Sua humildade e sua terna ausência de pretensões, '*che poco spera e nulla chiede*',¹ sua felicidade quando lhe permitiam acompanhar um pouco a senhora e beijar sua mão ao se separarem, sua alegria quando ouvia elogiarem-na de bela ao passo que qualquer reconhecimento de sua própria beleza por outra pessoa não lhe significava absolutamente nada, suas peregrinações a lugares outrora visitados pela bem-amada, o silêncio de todos os desejos mais sensuais — todos esses pequenos traços seus se assemelhavam à primeira e apaixonada admiração de um jovem por uma atriz célebre, a quem considera estar em plano muito mais alto do que ele e para quem mal

¹ ['Que pouco espera e nada pede.']

se atreve a levantar os acanhados olhos. A correspondência com 'um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens' que descrevi noutra parte (1910h) e cujas características especiais remeti à ligação com a mãe, aplicava-se mesmo nos menores detalhes. Pode parecer digno de nota que ela não fosse de modo algum repelida pela má reputação de sua amada, embora suas próprias observações confirmassem suficientemente a verdade de tais boatos. Era, afinal de contas, uma jovem bem educada e recatada, que evitava para si aventuras sexuais e encarava como antiestéticas as satisfações grosseiramente sensuais. No entanto, já as suas primeiras paixões haviam sido por mulheres, não afamadas por um comportamento especialmente rígido. O primeiro protesto lançado pelo pai contra sua escolha amorosa fora evocado pela pertinácia com que procurara a companhia de uma atriz cinematográfica num lugar de veraneio. Ademais, em todos esses casos, nunca se tratara de mulheres que tivessem qualquer reputação por homossexualismo e que, portanto, poderiam ter-lhe oferecido alguma perspectiva de satisfação homossexual; pelo contrário, illogicamente cortejava mulheres *coquetes*, no sentido comum da palavra, e rejeitara sem hesitação os avanços condescendentes feitos por uma amiga homossexual de sua mesma idade. Para ela, a má reputação de sua 'dama', contudo, era positivamente uma 'condição necessária para o amor'. Tudo de enigmático nessa atitude se desvanece quando recordamos que também no caso do tipo *masculino* de escolha de objeto derivado da mãe é condição necessária que o objeto amado seja, de uma maneira ou outra, sexualmente 'de má reputação', alguém que realmente possa ser chamada de *cocotte*. Quando a jovem mais tarde descobriu o quanto sua adorada dama merecia essa qualificação e que vivia simplesmente de oferecer seus favores corporais, sua reação assumiu a forma de uma grande compaixão e de fantasias e planos para 'resgatar' sua querida dessas circunstâncias ignóbeis. Ficamos impressionados com o mesmo ímpeto de 'resgatar', nos homens do tipo acima mencionado, e, em minha descrição tentei fornecer a derivação analítica desse impulso.

Somos levados a outro domínio inteiramente diferente de explicação pela análise da tentativa de suicídio, que devo encarar como seriamente intencionada e que, incidentalmente, melhorou bastante sua posição tanto com relação aos pais

quanto à senhora que amava. Saiu, certo dia, de passeio com ela, numa parte da cidade e em hora que não era improvável encontrar seu pai de volta do escritório. Assim aconteceu. O pai passou por ela, na rua, de olhar furioso para ela e sua companheira, de quem, nessa época, vinha tomando conhecimento. Poucos momentos depois, ela atirou-se para dentro do corte ferroviário. A sua explicação das razões imediatas que determinaram sua decisão, pareciam inteiramente plausíveis. Confessara à senhora que o homem que lhes dirigira o olhar tão enfurecido era seu pai, e que ele proibira por completo a amizade entre elas. A dama encolerizara-se com isso e ordenara à jovem que a deixasse ali mesmo e nunca mais esperá-la ou a ela se dirigir: o caso tinha de terminar ali. Desesperada por haver dessa forma perdido para sempre sua bem-amada, quis pôr termo à sua própria vida. A análise, contudo, pode descobrir outra interpretação mais profunda por trás da que forneceu, confirmada pela interpretação dos próprios sonhos da paciente. A tentativa de suicídio, como se podia esperar, foi determinada por dois outros motivos, além do que ela forneceu: a realização de uma punição (autopunição) e a realização de um desejo. Esse último significava a consecução do próprio desejo que, quando frustrado, a impelira ao homossexualismo: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela 'caíra' por culpa do pai.¹ O fato de, naquele momento, a senhora haver-lhe falado exatamente nos mesmos termos que o pai e proferido a mesma proibição, forma o elo vinculatorio entre essa interpretação profunda e a superficial, de que a própria jovem estava ciente. Do ponto de vista da autopunição, a ação da jovem nos mostra que desenvolvera no inconsciente intensos desejos de morte contra um ou outro de seus genitores, talvez contra o pai, como vingança por impedir seu amor, porém mais provavelmente contra a mãe, quan-

¹ [No texto, há um jogo de palavras com o verbo *niederkommen*, que significa tanto 'cair' quanto 'dar à luz'. Também em inglês existe o emprego coloquial do verbo 'cair' significando gravidez ou parto.] — Há muito que todos os analistas conhecem que os diversos métodos de suicídio podem representar realizações de desejos sexuais. (Envenenar-se = ficar grávida; afogar-se = ter um filho; arrojarse de uma elevação = parir um filho.)

do grávida do irmão pequeno, tendo a análise explicado o enigma do suicídio da seguinte maneira: é provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem. Tampouco a descoberta regular desses desejos de morte inconscientes naqueles que tentaram o suicídio precisa surpreender-nos (não mais do que deveria para fazer-nos refletir que isso confirma nossas deduções), de vez que o inconsciente de todos os seres humanos se acha bem repleto de tais desejos de morte, até contra aqueles a quem amam.¹ Uma vez que a jovem se identificava com a mãe, que deveria ter morrido no nascimento do filho, a ela negado, essa realização de punição constituía mais uma vez uma realização de desejo. Finalmente, a descoberta de que diversos motivos inteiramente diversos, todos de grande intensidade, devem ter cooperado para tornar possível tal ação, está de estrito acordo com o que esperaríamos.

No relato da jovem, de seus motivos conscientes, o pai não figurou em absoluto; sequer foi mencionado o temor de sua ira. Nos motivos desnudados pela análise, por outro lado, ele desempenhava o papel principal. Sua relação com o pai teve a mesma importância decisiva para o curso e o resultado do tratamento analítico, ou antes, exploração analítica. Por trás de sua pretensa consideração pelos genitores, por amor dos quais dispusera-se a efetuar a tentativa de transformação, jazia escondida sua atitude de desafio e vingança contra o pai, atitude que a fizera aferrar-se ao homossexualismo. Protegida sob essa cobertura, a resistência liberou à investigação analítica uma considerável região. A análise prosseguiu quase sem sinais de resistência, a paciente participando ativamente com o seu intelecto, embora emocionalmente bastante tranqüila. Certa vez, ao lhe expor uma parte especialmente importante da teoria, que lhe tocava de perto, ela respondeu num tom inimitável, 'Que interessante', como se fosse uma *grande dame* levada a um museu e passando o olhar, através de seu *lorgnon*, por objetos a que

¹ Cf. 'Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte' (1915b).

era completamente indiferente. A impressão que se tinha de sua análise não era diferente da que se tem de um tratamento hipnótico, em que a resistência, da mesma maneira, se retirou para certa linha limítrofe, além da qual mostra ser incontestável. A resistência com muita frequência emprega táticas semelhantes, táticas russas, como se poderia chamá-las, em casos de neuroses obsessivas. Em conseqüência, durante certo tempo, esses casos apresentam os mais claros resultados e permitem uma profunda compreensão interna (*insight*) da causa dos sintomas. Dentro em pouco, porém, começa-se a imaginar como um progresso tão acentuado na compreensão analítica pode estar desacompanhado até mesmo da mais ligeira mudança nas compulsões e inibições do paciente, até que por fim se percebe que tudo quanto foi realizado está sujeito a uma reserva mental de dúvida e que por trás dessa barreira protetora a neurose pode sentir-se segura. 'Tudo seria muito bom', pensa o paciente, muitas vezes de modo inteiramente consciente, 'se eu fosse obrigado a acreditar no que o homem diz, mas como não se trata disso e enquanto for assim, não preciso mudar nada'. Depois, ao nos aproximarmos dos motivos para essa dúvida, a batalha com as resistências irrompe a sério.

No caso de nossa paciente, não havia dúvida de que fora o fator emocional de vingança contra o pai que tornara possível sua fria reserva, dividira a análise em duas fases distintas e tornara tão completos e claros os resultados da primeira fase. Parecia, ademais, como se nada semelhante a uma transferência para o médico se houvesse efetuado. Isso, contudo, é naturalmente absurdo ou, pelo menos, é uma maneira imprecisa de expressar as coisas, de vez algum tipo de relação com o analista deve surgir e esta quase sempre é transferida de uma relação infantil. Na realidade, ela me transferira o abrangente repúdio dos homens que a dominara desde o desapontamento sofrido com o pai. O azedume contra os homens, via de regra, é fácil de ser gratificado com o médico; não precisa evocar quaisquer manifestações emocionais violentas, simplesmente expressa-se pelo tornar fúteis todos os esforços dele e pelo aferrar-se à doença. Sei por experiência quão difícil é fazer um paciente entender precisamente esse tipo silencioso de comportamento sintomático e torná-lo ciente dessa hostilidade latente e excessivamente forte, amiúde, sem pôr em perigo o trata-

mento. Assim, logo que identifiquei a atitude da jovem para com o pai, interrompi o tratamento e aconselhei aos genitores que, se davam valor ao procedimento terapêutico, este deveria ser continuado por uma médica. Nesse meio tempo, a jovem prometera ao pai que, de qualquer jeito, deixaria de ver a 'senhora', e desconheço se meu conselho, cujas razões são óbvias, será seguido.

Houve um único fragmento de material no curso desta análise, que pude considerar como transferência positiva, como uma revivescência grandemente enfraquecida do original e apaixonado amor da jovem pelo pai. Mesmo essa manifestação não estava inteiramente livre de outras motivações, só a menciono por apresentar, noutro sentido, um problema interessante de técnica analítica. Em certo período, não muito depois de começado o tratamento, a jovem trouxe uma série de sonhos que, deformados segundo a regra e enunciados na costumeira linguagem onírica, podiam, não obstante, ser facilmente traduzidos com certeza. No entanto, seu conteúdo, quando interpretado, era fora do comum. Previam a cura da inversão por meio do tratamento, expressavam sua alegria pelas perspectivas de vida que então se lhe abririam, confessavam seu anseio pelo amor de um homem e por filhos, e assim poderiam ter sido acolhidos como uma preparação gratificante para a mudança desejada. A contradição entre eles e as afirmativas da jovem na vida desperta, na ocasião, era muito grande. Não escondia de mim que pretendia casar-se, mas só para fugir à tirania do pai e seguir imperturbada suas verdadeiras inclinações. Quanto ao marido, observava com bastante desprezo, lidaria facilmente com ele e, além disso, podia-se ter relações com um homem e uma mulher a um só e mesmo tempo, como demonstrava o exemplo da dama adorada. Advertido por uma ou outra ligeira impressão, disse-lhe certo dia que não acreditava naqueles sonhos, que os encarava como falsos ou hipócritas e que ela pretendia enganar-me, tal como habitualmente enganava o pai.¹

¹ [Para outras referências a 'sonhos hipócritas' ver *A Interpretação dos Sonhos*, Edição *Standard Brasileira*, Vol. IV, pág. 143, e Vol. V, pág. 503 e segs., IMAGO Editora, 1972.]

Eu estava certo; após havê-lo esclarecido, esse tipo de sonhos cessou. Mas ainda acredito que, além da intenção de desorientar-me, os sonhos parcialmente expressavam o desejo de conquistar meu favor; eram também uma tentativa de ganhar meu interesse e minha boa opinião, talvez a fim de, posteriormente, desapontar-me mais completamente ainda.

Posso imaginar que apontar a existência de sonhos mentirosos desse tipo, de sonhos 'obsequiosos', levantará uma positiva tempestade de impotente indignação em certos leitores que se denominam a si mesmos analistas. 'O quê!' exclamarão, 'O inconsciente, o centro real de nossa vida mental, a parte de nós que se acha tão mais próxima do divino que nossa pobre consciência, pode mentir também? Então como poderemos continuar a trabalhar sobre as interpretações da análise e a exatidão de nossas descobertas?' A isso precisa-se responder que o reconhecimento desses sonhos mentirosos não constitui nenhuma novidade destruidora. Na verdade, sei que o anseio da humanidade pelo misticismo é inerradicável e faz esforços incessantes por retomar para este o território de que *A Interpretação de Sonhos* o privou, mas certamente, no caso em pauta, tudo é bastante simples. Um sonho não é o 'inconsciente'; trata-se da forma pela qual um pensamento remanescente da vida desperta pré-consciente ou mesmo consciente pode, graças ao estado favorecedor de sono, ser remoldado.¹ No estado de sono, esse pensamento foi reforçado por impulsos inconscientes plenos de desejo e assim experimentou uma deformação através da elaboração onírica, que é determinada pelos mecanismos predominantes no inconsciente. Com a jovem que sonhou, a intenção de enganar-me, tal como fizera com o pai, certamente emanava do pré-consciente e pode, de fato, ter sido consciente; poderia conseguir expressão entrando em conexão com o impulso desejoso inconsciente de agradar o pai (ou substituto paterno), assim criando um sonho mentiroso. As duas intenções, trair e agradar o pai, originaram-se do mesmo complexo; a primeira resultou da repressão da última e a posterior foi, pela elaboração onírica, conduzida de volta à anterior. Desse modo, não

¹ [Cf. abaixo, pág. 106, e Seção V de Freud, 1923c.]

se pode falar em qualquer desvalorização do inconsciente, nem na desagregação de nossa confiança nos resultados da análise.

Não posso desprezar a oportunidade de expressar, de passagem, meu espanto de que os seres humanos possam atravessar tão grandes e importantes momentos de sua vida erótica sem notá-los muito; na verdade, às vezes nem mesmo possuir a mais pálida suspeita de sua existência, ou então, havendo-se dado conta desses momentos, enganar-se a si mesmos tão completamente no julgamento deles. Isto não acontece apenas em condições neuróticas, onde estamos familiarizados com o fenômeno, mas parece ser também bastante comum na vida ordinária. No presente caso, por exemplo, uma jovem desenvolve uma adoração sentimental por mulheres, que os pais a princípio acham vexatória simplesmente, e raramente tomam a sério; ela própria sabe muito bem estar muito ocupada com essas relações, porém ainda experimenta poucas das sensações de amor intenso até que uma frustração específica é seguida por uma reação bastante excessiva, que mostra a qualquer um interessado que elas têm algo a ver com uma paixão consumidora de força elementar. Tampouco a jovem nunca percebera do estado de coisas algo que constituía uma preliminar necessária ao desencadeamento dessa tormenta mental. Noutros casos também encontramos moças ou mulheres em estado de grave depressão, que ao serem interrogadas sobre a possível causa de sua condição, nos dizem que, realmente, tiveram um ligeiro sentimento por determinada pessoa, mas que não fora nada profundo, logo superando o sentimento quando tiveram de abandoná-la. No entanto foi essa renúncia, aparentemente tão bem suportada, que se tornou a causa do grave distúrbio mental. Encontramos ainda homens que passaram por casos amorosos ocasionais, e só pelos efeitos subseqüentes compreendem que estiveram apaixonadamente amorosos da pessoa a quem, aparentemente, consideraram levemente. Fica-se também estupefato com os resultados inesperados que se podem seguir a um aborto artificial, à morte de um filho não nascido, decidido sem remorso e sem hesitação. Tem-se de admitir que os poetas estão certos em gostar de retratar pessoas que estão enamoradas sem sabê-lo ou incertas se amam, ou que pensam que odeiam quando na realidade amam. Pareceria que as informações recebidas por

nossa consciência acerca de nossa vida erótica são especialmente passíveis de serem incompletas, cheias de lacunas ou falsificadas. É desnecessário dizer que, neste exame, não deixei de dar espaço para o papel desempenhado pelo esquecimento subseqüente.

IV

Retorno agora, após essa digressão, à consideração do caso de minha paciente. Fizemos um levantamento das forças que conduziram a libido da jovem da atitude de Édipo normal à do homossexualismo, e dos caminhos psíquicos percorridos por ela no processo. O mais importante nesse respeito foi a impressão causada pelo nascimento de seu irmãozinho e a partir disso poderíamos inclinar-nos a classificar o caso como de inversão posteriormente adquirida.

A essa altura, porém, nos damos conta de um estado de coisas com que nos defrontamos em muitos outros casos nos quais a psicanálise lançou luz sobre um processo mental. Fazendo recuo do desenvolvimento a partir de seu produto final a cadeia de acontecimento parece contínua, e sentimos que obtivemos uma compreensão interna (*insight*) completamente satisfatória ou mesmo exaustiva. Mas, se avançarmos de maneira inversa, isto é, se partirmos das premissas inferidas da análise e tentarmos segui-las até o resultado final, então não mais teremos a impressão de uma seqüência inevitável de eventos que não poderiam ter sido determinados de outra forma. Observamos, a seguir, que poderia ter havido outro resultado e que poderíamos ter sido capazes de compreendê-lo e explicá-lo. A síntese, portanto, não é tão satisfatória quanto a análise; noutras palavras, de um conhecimento das premissas não poderíamos ter previsto a natureza do resultado.

É muito fácil explicar este perturbador estado de coisas. Mesmo supondo que tivéssemos um conhecimento completo dos fatores etiológicos que decidem um determinado resultado, a seu respeito conhecemos apenas a sua qualidade, não a sua força relativa. Alguns são suprimidos por outros por serem fracos demais, não influenciando, assim, o resultado final. De antemão, nunca sabemos, porém, qual dos fatores determinantes se revelará o mais fraco ou o mais forte. Dizemos apenas, no final,

que os bem sucedidos devem ter sido os mais fortes. Daí podermos reconhecer, sempre, com exatidão, a cadeia de causação, se seguirmos a linha da análise, ao passo que predizê-la ao longo da linha da síntese é impossível.

Não sustentaremos, portanto, que toda jovem que experimenta um desapontamento, como esse do anseio de amor, que brota da atitude de Édipo na puberdade, necessariamente cairá, por causa disso, vítima do homossexualismo. Pelo contrário, outros tipos de reação a esse trauma sem dúvida são mais comuns. Contudo, sendo assim, na jovem paciente podem haver existido fatores especiais que fizeram pender a balança, fatores externos ao trauma, provavelmente de natureza interna. Além do mais, não há qualquer dificuldade em apontá-los.

Sabe-se bem que, mesmo em uma pessoa normal, leva algum tempo antes de se tomar finalmente a decisão com referência ao sexo do objeto amoroso. Entusiasmos homossexuais, amizades exageradamente intensas e matizadas de sensualidade são bastante comuns em ambos os sexos durante os primeiros anos após a puberdade. Assim também aconteceu com nossa paciente; nela, porém, essas tendências mostraram-se sem dúvida mais fortes e permaneceram mais tempo do que noutras pessoas. Além disso, esses presságios de homossexualismo posterior haviam ocupado sempre a sua vida *consciente*, enquanto a atitude originária do complexo de Édipo permanecera *inconsciente* e se mostrara apenas em sinais, tais como o seu comportamento terno com o garotinho. Quando estudante, estivera longo tempo enamorada de uma professora rígida e inaproximável, evidentemente uma mãe substituta. Mostrara muito vivo interesse em certo número de jovens mães, bem antes do nascimento do irmão, portanto com mais certeza ainda, antes da primeira reprimenda do pai. Assim, desde anos muito precoces sua libido fluíra em duas correntes, das quais a da superfície é a que, sem hesitação, podemos designar como homossexual. Essa última era provavelmente uma continuação direta e imodificada de uma fixação infantil na mãe. Possivelmente a análise aqui descrita na realidade não revelou nada mais que o processo pelo qual, em ocasião apropriada, também a corrente heterossexual e mais profunda da libido foi desviada para a homossexual e manifesta.

A análise demonstrou, além disso, que a jovem trouxera consigo, desde a infância, um 'complexo de masculinidade' fortemente acentuado. Jovem fogosa, sempre pronta a traquinagens e lutas, não se achava de modo algum preparada para ser a segunda diante do irmão ligeiramente mais velho; após inspecionar seus órgãos genitais [pág. 194] desenvolvera uma acentuada inveja do pênis e as reflexões derivadas dessa inveja ainda continuavam a povoar-lhe o espírito. Era na realidade uma feminista; achava injusto que as meninas não gozassem da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral. Na ocasião da análise, as idéias de gravidez e parto eram-lhe desagradáveis, em parte, presumo, devido ao desfiguramento corporal a elas vinculado. Seu narcisismo de moça recorrera a essa defesa¹ e deixara de expressar-se como orgulho por sua boa aparência. Diversas pistas indicavam que, anteriormente, deveria ter tido fortes tendências exibicionistas e escopofílicas. Quem ansiosamente desejar que as reivindicações dos fatores adquiridos, em oposição aos hereditários, não sejam subestimadas na etiologia, chamará a atenção para o fato de que o comportamento da jovem, tal como acima descrito, era exatamente o que decorreria em uma pessoa com forte fixação materna, do efeito combinado das duas influências da negligência da mãe e da comparação de seus órgãos genitais com os do irmão. Aqui, à marca da operação da influência externa nos primeiros anos de vida é possível atribuir algo que seria bom considerar como uma peculiaridade constitucional. Por outro lado, de fato uma parte dessa disposição adquirida (se *foi* realmente adquirida) tem de ser atribuída à constituição inata. Assim, na prática, vemos uma contínua mescla e mistura do que em teoria tentaríamos separar em um par de opostos, a saber, caracteres herdados e adquiridos.

Se a análise tivesse terminado mais cedo, mais prematuramente ainda, haveria a possível opinião de que se tratava de um caso de homossexualismo posteriormente adquirido; porém, tal como foi, uma consideração do material nos impele a con-

¹ Cf. a admissão de Kriemhilde no *Nibelungenlied* [I.15. Ela declarou à mãe que nunca permitiria que um homem a amasse, de vez que isso significaria a perda de sua beleza.]

cluir tratar-se, antes, de um caso de homossexualismo congênito, o qual, como de praxe, fixou-se e se tornou inequivocamente manifesto apenas no período seguinte à puberdade. Cada uma dessas classificações faz justiça apenas a uma parte do estado de coisas verificável pela observação, mas despreza a outra. Seria melhor não ligar demasiado valor a esse modo de enunciar o problema.

A literatura do homossexualismo em geral deixa de distinguir claramente entre as questões da escolha do objeto, por um lado, e das características sexuais e da atitude sexual do sujeito, pelo outro, como se a resposta à primeira necessariamente envolvesse as respostas às últimas. A experiência, contudo, demonstra o contrário: um homem com características predominantemente masculinas e também masculino em sua vida erótica pode ainda ser invertido com respeito ao seu objeto, amando apenas homens, em vez de mulheres. Um homem em cujo caráter os atributos femininos obviamente predominam, que possa, na verdade, comportar-se no amor como uma mulher, dele se poderia esperar, com essa atitude feminina, que escolhesse um homem como objeto amoroso; não obstante, pode ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão do que um homem médio normal. O mesmo procede, quanto às mulheres; também aqui o caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem necessariamente. O mistério do homossexualismo, portanto, não é de maneira alguma tão simples quanto comumente se retrata nas exposições populares: 'uma mente feminina, fadada assim a amar um homem, mas infelizmente ligada a um corpo masculino; uma mente masculina, irresistivelmente atraída pelas mulheres, mas, aí dela, aprisionada em um corpo feminino'. Trata-se, em seu lugar, de uma questão de três conjuntos de características, a saber:

Caracteres sexuais físicos
(hermafroditismo físico)

Caracteres sexuais mentais
(atitude masculina ou feminina)

Tipo de escolha de objeto

Essas características, até certo ponto, variam independentemente uma da outra e em indivíduos diferentes são encontradas em permutações múltiplas. A literatura tendenciosa obscureceu nossa visão dessa inter-relação, colocando em primeiro plano, por razões práticas, o terceiro aspecto (tipo de escolha de objeto), que é o único que impressiona o leigo, e, além disso, exagerando a proximidade de associação entre esta e a primeira característica. Ademais, ela bloqueia o caminho para uma compreensão interna (*insight*) mais profunda de tudo que uniformemente se designa de homossexualismo, rejeitando dois fatos fundamentais, revelados pela investigação psicanalítica. O primeiro deles é que os homens homossexuais experimentaram uma fixação especialmente forte na mãe; o segundo é que, além de sua heterossexualidade manifesta, uma medida muito considerável de homossexualismo latente ou inconsciente pode ser detectada em todas as pessoas normais. Se tomarmos em consideração essas descobertas, evidentemente, cai por terra a suposição de que a natureza criou, de maneira aberrante, um 'terceiro sexo'.

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até às disposições instintuais. Aqui o seu trabalho termina e ela deixa o restante à pesquisa biológica, que recentemente trouxe à luz, através dos experimentos de Steinach,¹ resultados muito importantes concernentes à influência exercida pelo primeiro conjunto de características, acima mencionadas, sobre o segundo e o terceiro. A psicanálise possui uma base comum com a biologia, ao pressupor uma bissexualidade original nos seres humanos (tal como nos animais). Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de 'masculino' e 'feminino': ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho. Quando tentamos reduzi-los mais ainda, descobrimos a masculinidade desvanecendo-se em atividade e a feminilidade em passividade,² e isso não nos diz o bastante. Já tentei [pág.

¹ Cf. Lipschütz (1919).

² [Ver também o estudo desses dois conceitos nos *Três Ensaios*, de

188 e seg.] explicar até onde podemos razoavelmente esperar, ou até onde a experiência já provou, que o trabalho de elucidação como parte da tarefa da análise nos forneça os meios de efetuar uma modificação da inversão. Quando se compara até onde podemos influenciá-la com as notáveis transformações que Steinach efetuou em alguns casos, através de suas operações, o resultado não provoca uma impressão muito imponente. Mas seria prematuro, ou exagero prejudicial, se, nessa fase, cedéssemos a esperanças de uma 'terapia' da inversão que pudesse ser geralmente aplicada. Os casos de homossexualismo masculino em que Steinach foi bem sucedido, atendiam à condição, nem sempre presente, de um 'hermafroditismo' físico muito patente. Qualquer tratamento análogo do homossexualismo feminino é, atualmente, bastante obscuro. Se consistisse em remover o que são provavelmente ovários hermafroditas e enxertar outros, que se supõe serem de um único sexo, haveria poucas perspectivas de ser aplicado na prática. Uma mulher que já se sentiu ser um homem e amou à maneira masculina, dificilmente permitirá que a forcem a desempenhar o papel de mulher, quando deve pagar pela transformação, não vantajosa sob todos os aspectos, com a renúncia a toda esperança de maternidade.¹

Freud (1905d), Edição *Standard Brasileira*, vol. VII, pág. 225n, IMAGO Editora, 1972.]

¹ [Cf. o estudo do homossexualismo em *Três Ensaio*s, Edição *Standard Brasileira*, vol. VII, pág. 136-49, IMAGO Editora, 1972. Freud retoma o assunto na Seção C de seu artigo sobre o ciúme, a paranóia e o homossexualismo (1922b), pág. 106 abaixo.]

PSICANÁLISE E TELEPATIA

(1941 [1921])